Instituto Euvaldo Lodi

SÍNTESE DO PANORAMA CONJUNTURAL

Outubro de 2024

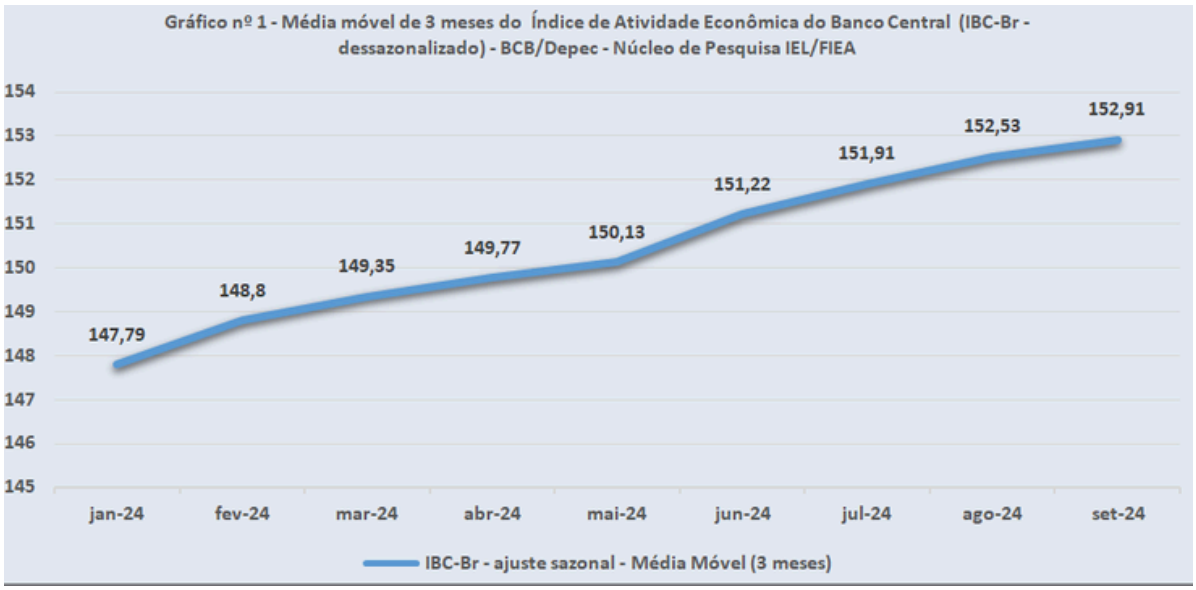
em Novembro de 2024

Atividade Econômica mantém crescimento

A economia brasileira em setembro 2024 apresentou sinais de recuperação moderada, com base em indicadores como o IBC-Br, que mede a atividade econômica (Gráfico nº1). Esse índice apresentou um crescimento gradual ao longo do ano, indicando um movimento consistente de expansão. A recuperação pode ser atribuída a políticas econômicas favoráveis, como aumento das transferências de renda e real do salário mínimo traduzindo-se em aumento do consumo interno.

A persistente melhoria do mercado de trabalho, com a taxa de desocupação dessazonalizada caindo de 7,5% em janeiro para 6,0% em setembro de 2024 reflete um fortalecimento gradual do mercado de trabalho, que tende a ter efeitos benéficos sobre a atividade econômica, especialmente no aumento da demanda interna.
O comportamento do crédito oferece pistas importantes sobre essa recuperação. Para pessoas físicas, o crédito apresenta um crescimento pronunciado, sugerindo maior confiança das famílias na economia. Em contrapartida, o crédito para empresas tem oscilado, refletindo uma postura mais conservadora por parte do setor produtivo. Os custos elevados de financiamento junto às incertezas no cenário econômico tem influenciando essa decisão, enquanto o aumento na massa salarial em circulação possa trazer alívio. Com um crescimento de R$ 21,952 bilhões em um ano, alcançando R$ 327,743 bilhões no trimestre encerrado em setembro, a alta de 7,2% na massa salarial reforça o poder de compra das famílias, o que pode impulsionar o consumo e, indiretamente, incentivar as empresas a investirem.

Do ponto de vista do empresário da indústria, as expectativas estão melhorando neste final de ano. De acordo com a CNI, em novembro de 2024, a confiança dos empresários industriais atingiu um nível elevado, com 27 dos 29 setores confiantes, o maior número desde outubro de 2022. Embora tenha havido variações na confiança entre os setores e as regiões, a expectativa geral é positiva, com destaque para os setores farmacêutico e farmoquímico, que apresentaram um aumento significativo na confiança. A confiança permaneceu estável entre os diferentes portes de empresas e nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, enquanto nas regiões Nordeste e Norte, a confiança diminuiu, e no Sul, houve uma alta. Este cenário indica que, apesar das oscilações, os empresários seguem otimistas em relação ao comportamento da economia, principalmente nas grandes e médias empresas[1].



[1] indicedeconfiancadoempresarioindustrial_resultadossetoriais_novembro2024.pdf

Banco Central acelera ciclo de alta da selic

Na última reunião do Comitê de Política Monetária (COPOM), o Banco Central aumentou o ritmo de ajuste da taxa Selic, passando de 25 pontos-base para 50 pontos-base, elevando a taxa de 10,75% ao ano para 11,25% ao ano. As expectativas do mercado indicam mais um aumento de 50 pontos-base, encerrando 2024 no patamar de 11,75% ao ano e alcançando 12,25% ao ano no final de 2025. A inflação acumulada nos últimos 12 meses, até outubro, ficou acima do limite superior da banda de tolerância, que é de 4,5%, registrando uma taxa de 4,75%. A inflação implícita nos papéis prefixados para 252 dias úteis está em 6,6%, o que pressiona o Banco Central para um ciclo prolongado de alta da Selic, com o objetivo de trazer a inflação ao centro da meta de 3% ao ano. No mercado, já há projeções que indicam a Selic alcançando 14% ao ano.

A aceleração do IPCA em outubro, segundo o IBGE, reflete choques de oferta, como o aumento nas tarifas de energia elétrica residencial, que registraram acréscimo de 4,74%. Esse aumento decorre da implementação da bandeira tarifária vermelha, patamar 2, que adicionou R$ 7,87 a cada 100 kWh consumidos. Outro grupo que pesou no índice foi o de alimentação e bebidas, com alta de 1,06%, impulsionada pelo aumento de 5,81% nos preços das carnes. Esse aumento é resultado da menor oferta, influenciada por condições climáticas adversas, redução no número de animais para abate e maior volume de exportações, que diminuíram a disponibilidade no mercado interno.

Quanto às expectativas de inflação para os próximos dois anos, há exagero do mercado nas projeções, devido a uma superestimativa dos riscos fiscais e, por meio da taxa de câmbio, dos efeitos de um contexto internacional mais instável sobre as expectativas inflacionárias.

A última ata da reunião do COPOM evidencia que esses fatores têm pesado no balanço de riscos, destacando: desancoragem das expectativas de inflação, que pode prolongar o ciclo de aperto da política monetária; persistência da inflação de serviços, impactada por um mercado de trabalho aquecido e um hiato do produto estreito, dificultando a convergência da inflação para a meta; os riscos provenientes de uma taxa de câmbio mais depreciada, que pode pressionar os preços, especialmente dos bens industrializados; continuidade de uma política fiscal expansionista, que, ao aumentar o crédito e a demanda agregada, pode pressionar os preços; e incertezas no cenário econômico global, como a desaceleração econômica mundial e políticas fiscais e monetárias externas, que podem gerar volatilidade nos mercados e impactar negativamente as expectativas de inflação.

No âmbito fiscal, tem havido esforços do governo para cumprir o novo arcabouço fiscal dentro do intervalo de tolerância. O mercado, por sua vez, reconhece esses esforços, ajustando para baixo suas expectativas em relação ao déficit primário como proporção do PIB, que passou de -0,8% para -0,5%. Em relação à instabilidade externa, o Banco Central precisa operar no mercado de câmbio, utilizando seus instrumentos, para evitar que a taxa de câmbio escale e provoque um choque cambial nos preços das commodities, já pressionados pelo contexto de guerras.

É preciso estar atento que Selic de 12,25% ao ano em 2025 implica uma taxa básica real de juros superior a 7%, muito acima da taxa estimada pelo mercado como necessária para ancorar a inflação na meta de 3% ao ano, da ordem de 4,5% ao ano, e mais que o triplo da taxa esperada de crescimento da economia brasileira no próximo ano.

A produção industrial brasileira em setembro de 2024

Em setembro de 2024, a indústria brasileira registrou crescimento de 1,1% na série com ajuste sazonal, consolidando um trimestre positivo com alta de 3,9% em relação ao mesmo período de 2023, o melhor resultado desde o segundo trimestre de 2021. O crescimento foi amplamente distribuído, com 80% dos ramos industriais em expansão no terceiro trimestre e avanços em todos os macrossetores, destacando bens de consumo duráveis (+16,4%) e bens de capital (+11,9%). Setores como automotivo, eletrodomésticos e bens de capital para transporte lideraram os ganhos, enquanto regiões industriais também apresentaram fortalecimento, com 56% dos parques em alta. Contudo, o aumento da Selic e a perspectiva de novas elevações em 2025 pressionaram a confiança industrial, embora fatores como linhas de crédito do BNDES e o vigor do mercado de trabalho possam mitigar impactos negativos[1].

Variações da Produção Industrial - Setembro 2024 - %

	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
Indústria Geral	1,1	3,4	3,1	2,6
Bens de capital	4,2	13,6	7,5	1,7
Bens intermediários	1,2	2,5	2,4	2,4
Bens de consumo	0,3	3,6	4,0	3,4
Bens de consumo duráveis	-2,7	10,4	8,6	5,3
Semiduráveis e não duráveis	0,6	2,6	3,3	3,1
Extrativa Mineral	-1,3	-2,9	1,7	3,8
Transformação	1,7	4,6	3,3	2,4

Fonte: IBGE.

Como mostrado acima, em setembro de 2024, o desempenho da indústria de transformação apresentou melhora, conforme os dados da CNI. A utilização da capacidade instalada avançou de 79,6% em agosto para 79,9% em setembro na série com ajuste sazonal. Em relação ao mesmo período do ano anterior, o indicador registrou um aumento de 1,8 ponto percentual, evidenciando um crescimento na atividade industrial.

[1] IEDI - Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial

PANORAMA CONJUNTURAL DA INDÚSTRIA

PUBLICAÇÃO MENSAL DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS - FIEA

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

PRESIDENTE:
José Carlos Lyra de Andrade

1° VICE-PRESIDENTE:
José da Silva Nogueira Filho

DIRETOR EXECUTIVO:
Walter Luiz Juca Sá

COORDENADOR UNIDADE TÉCNICA
Helvio Braga Vilas Boas

INSTITUTO EUVALDO LODI - IEL

DIRETOR REGIONAL:
José Carlos Lyra de Andrade

SUPERINTENDENTE:
Helvio Braga Vilas Boas

COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA:
Eliana Maria de Oliveira Sá

ELABORAÇÃO:

NÚCLEO DE INOVAÇÃO E PESQUISA - IEL/AL

COORDENADORA:
Eliana Maria de Oliveira Sá

CONSULTORES:
Luciana Peixoto Santa Rita
Reynaldo Rubem Ferreira Júnior

ANALISTAS:
Morgana Maria Machado Moura
Juliana Ferro Pereira

ESTAGIÁRIOS:
Marya Rita Melquiades Pereira
Welde Messias Vieira da Silva

DESIGN/LAYOUT:
Yasmin Nayara de Araújo Costa

Outubro de 2024
em Novembro de 2024